



TARÔ DE MEMÓRIAS

UM JOGO DE RECORTES E RELAÇÕES DA CIDADE DE SALVADOR

BLERTA COPA

*Graduanda em Arquitetura pelo Politecnico di Milano e
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/UFBA*

IGOR QUEIROZ

*Designer gráfico, graduando em Arquitetura pela
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/UFBA e
membro do Laboratório Urbano*

JANAINA CHAVIER

*Designer de ambientes, mestranda no PPGAU
Arquitetura e Urbanismo/UFBA e membro do
Laboratório Urbano*

100

MARIACHIARA MONDINI

*Graduanda em Arquitetura pelo Politecnico di Milano e
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/UFBA.*

A CIDADE. O TEXTO. O ENCONTRO

O texto-jogo que se inicia parte do entendimento de que as cidades, e aqui escolhemos Salvador, pode ser vista por diferentes ângulos, perspectivas e pontos de vistas. Na tentativa de nos distanciar da ideia de que a cidade é um “corpo” único, ou partes separadas sem conexões umas com as outras, propomos esse texto escrito a partir do encontro de quatro pessoas.

Um recorte foi feito. A ideia primeira era falar de uma “ação” (ver carta XXII). Um ajuntamento de memórias, fatos históricos, impressões, espaços-tempos. Ouvidos abertos para a escuta do outro. Essa carta inicial se multiplicou em muitas outras, uma deriva (ver carta XX), por parte do Centro Histórico de Salvador.

O JOGO DAS MEMÓRIAS

O jogo inicial era o de memórias, mas a sua principal característica e regra: a fixação dos acontecimentos como uma forma de vencer o jogo, nos fez mudar de ideia. Vencer não é a intenção. Criar relações, sim.

O JOGO DE TARÔ

São muitas as versões, origens e interpretações sobre o jogo. Nenhum intérprete, tradutor, ou condutor do tarô pode reivindicar a posse da chave definitiva de sua leitura. São infinitas as leituras! Assim como as grandes figuras da mitologia universal, cada Arcano ou carta aparece carregado de simbolismo subjetivo, podendo ser examinados e observados a partir de vários ângulos e perspectivas.

Costuma-se atribuir um determinado significado a cada carta do tarô. Essa constitui a forma mais usual do jogo acontecer, quando não há necessidade de leituras mais elaboradas. Uma outra maneira é aquela em que se procura apreender o significado da carta através do seu simbolismo e das relações que elas constroem com as cartas vizinhas. Esse tipo de jogo confere ao tarô uma dimensão infinita, fazendo dele um verdadeiro canal de captação.

O TARÔ DE MEMÓRIAS

Os arcanos foram substituídos por memórias, fatos históricos, desejos, lugares. E um outro jogo surge, uma mistura. Um tarô de memórias. Uma aposta nas relações de vizinhanças, nas infinitas combinações, sem vencedores.

I - A VITÓRIA

Em 1960 é inaugurada a Avenida Sete de Setembro pelo então Governador José Joaquim Seabra. Foi idealizada como parte do plano de reforma urbana de Salvador, iniciado em 1912, buscando conectar o centro antigo (parte colonial) aos novos bairros que surgiam ao sul da cidade. Iniciando-se no Farol da Barra, segue um trajeto que se estende pelas regiões do Porto da Barra, Ladeira da Barra, Corredor da Vitória, Campo Grande e São Pedro, terminando na Praça Castro Alves, onde se une à rua Chile, na entrada do Centro Histórico de Salvador.

Cada região, acima citadas, dessa extensa avenida com vista para a Baía de Todos-Santos se constitui, em “mundos” e territórios diferentes, um muro imaginário parece dividi-los. E o Corredor da Vitória é visto por muitos como a parte vitoriosa dessa avenida, quiçá de toda a cidade de Salvador! Nela, árvores seculares fazem generosas sombras para os moradores do metro quadrado mais caro do

Norte/Nordeste descansar em seus prédios de alto luxo cercados por casarões históricos que servem de museus e cinemas de arte, além de *hall* de entrada para esses prédios residenciais.

II - A FESTA DE RUA

Em 1950, nas vésperas do carnaval, baixou aqui pela Bahia o famoso conjunto dos Vasourinhas de Pernambuco e fizeram uma exibição do Campo Grande até a Praça da Sé, que aliás não foi concretizada, porque no meio do caminho, o povo dizimou, o povo se alucinou com o ritmo do Frevo [...]. Aí eu tive a ideia. Cheguei para Dodô e disse: vamos tocar nesse carnaval com nossos instrumentos e vamos sair em cima de um carrinho tocando. E... nós preparamos essa velha Fobica [...] alguns amigos na percussão, eu e Dodô tocando os 'paus' da época. Nome que os baianos apelidaram as nossas guitarras elétricas [...].

(Fala introdutória de Osmar, para o vídeo *Trio Elétrico*, de 1977, do artista Miguel Rio Branco, sobre o carnaval de Salvador. Para ver o filme:
<www.youtube.com/watch?v=S9GZUAjRMrw>)

III - A GAMBOA

102

Queremos garantir a sobrevivência de nossa comunidade com seus valores e tradições, já sofremos muito com o crescimento da cidade. O avanço dos prédios para a praia nos impede de catar mariscos. O movimento cada vez maior dos barcos assusta os peixes. Se não nos organizarmos, vai ser difícil continuar. Temos hábitos, uma cultura própria. Nos tirar daqui é destruir tudo isso é destruir minha história.

(Ana Cristina da Silva, moradora da Gamboa, 2014)

IV - A COMUNIDADE

[...] seríamos tentados a redefinir o comum a partir desse contexto preciso. Parafraseando Paolo Virno, seria o caso de postular o comum mais como premissa do que como promessa, mais como um reservatório compartilhado, feito de multiplicidade e singularidade, do que como uma unidade atual compartilhada, mais como uma virtualidade já real do que como uma unidade ideal perdida ou futura. Diríamos que o comum é um reservatório de singularidades em variação contínua, uma matéria a-orgânica, um corpo-sem-órgãos, um ilimitado (ápeiron) apto às individualizações as mais diversas.

[...]

Pois a comunidade, na contramão do sonho fusional, é feita da interrupção, fragmentação, suspense, é feita dos seres singulares e seus encontros.

(Peter Pál Pelbart. *Vida capital: ensaios de biopolítica*, 2003)

I



A Vitória

II



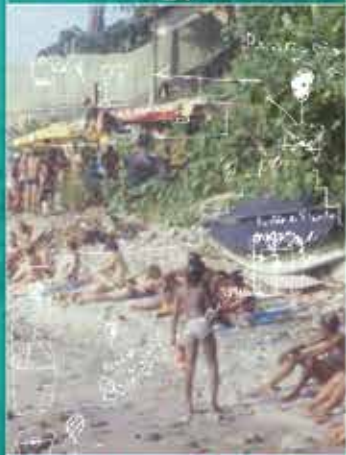
A festa de rua

III



A Gamboa

IV



A comunidade

V



A rede

VI



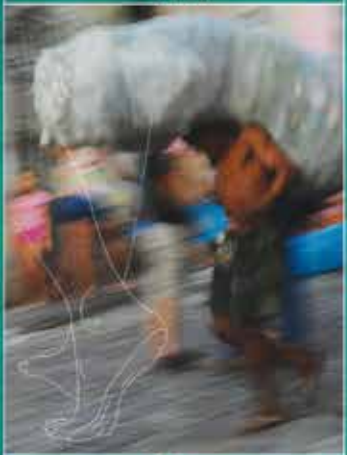
O samba

VII



A ruína

VIII



O nu

IX



A segurança

V - A REDE

Nos primeiros anos de faculdade de arquitetura na Itália, antes de irmos estudar no Brasil, tivemos contato com as imagens Riposatevi, trabalho que o arquiteto Lucio Costa desenvolveu para a Trienal de Milão de 1964. O que vimos através daquelas fotografias, foram várias redes dependuradas, através de cabos de aço, no teto de um amplo espaço. As paredes laterais foram preenchidas por painéis com imagens de Brasília, e no chão, perto de cada rede, um rádio e alguns vasos de plantas tropicais. Essas fotografias povoaram o nosso imaginário em relação ao Brasil e para o tipo de arquitetura que aquele trabalho de Lucio Costa apontava: cultura popular, tropicalidade e modernidade acontecendo juntos. A ação que propusemos na Ladeira da Preguiça foi, com certeza, influenciada por aquelas imagens de Riposatevi.

VI - O SAMBA

Direito de Sambar

Batatinha

É proibido sonhar

Então me deixe o direito de sambar

É proibido sonhar

Então me deixe o direito de sambar

O destino não quer mais nada comigo

É meu nobre inimigo

E castiga de mansinho

Para ele não dou bola

Se não saio na escola,

Sambo ao lado sozinho

Já faz dois anos que eu não saio na escola

A saudade me devora

Quando vejo a turma passar

E eu mascarado, sambando na avenida

Imitando uma vida que só eu posso enfrentar

Tudo é carnaval

Pra quem vive bem

Pra quem vive mal

(Para ouvir a música: <<https://www.youtube.com/watch?v=2L TVEcdaS1 Y>> ou em alguma roda de samba que encontrar pelo caminho)

VII - A RUÍNA

PERIGO: ALTO RISCO DE DESABAMENTO. ÁREA INTERDITADA. PREFEITURA DE SALVADOR.

NOVO CENTRO ANTIGO DE SALVADOR. GOVERNO DA BAHIA TRABALHANDO. CONDER.

OBRAS DE ESCORAMENTO E ESTABILIZAÇÃO DE 11 (ONZE) IMÓVEIS. AQUI TEM INVESTIMENTO DO GOVERNO FEDERAL. IPHAN. MINISTÉRIO DA CULTURA.

As tipografias, em caixa alta das placas, nas ruínas tombadas, localizadas no Centro Histórico de Salvador, deixam claro e gritam a ineficiência, o pouco caso e falta de diálogo entre as escalas governamentais e os moradores do local.

AQUI PODIA MORAR GENTE.

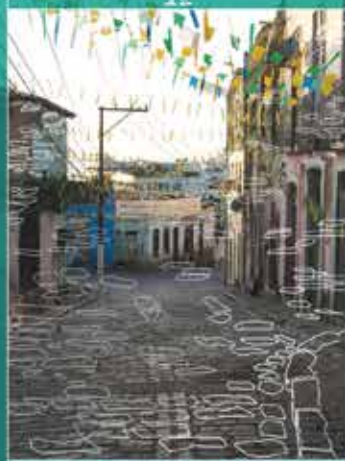
VIII - O NU

Depois de passar a noite e a madrugada inteira andando pelo centro da cidade em busca de uma pedra de *crack*, um corpo descansa durante todo o dia na calçada. Há um jeito próprio de um morador da ladeira estar nela, de subir rebolando. É como se eles dançassem forró enquanto sobem e arrochassem enquanto desce. As pessoas que não moram ou não são habituados parecem inseguros ao descer uma ladeira e extremamente cansados ao subi-la. – Corre, corre que a polícia está chegando. Pela terceira vez de um único dia, a moça retorna ao seu lugar de trabalho para continuar vendendo os peixes que seu marido pesca no mar do Rio Vermelho. O atual decreto instituído pela Vigilância Sanitária proíbe a venda de peixes ao ar livre no Bairro 2 de Julho. A turista, com sua pele vermelha queimada de sol, para ao ver o homem sem camisas que dança requebrando os quadris até o chão ao som de *Lepo Lepo*, a música *hit* do Carnaval de 2014. A coreografia é perpetuada pela filmadora da turista. Às 13 horas de um dia de muito calor, um homem sem camisa, pés no chão e com uma bermuda jeans desfiada sobe a Ladeira da Montanha carregando nas costas um saco com centenas de latinhas de alumínio amassadas. A criança brinca descalça no chão, rola no chão, desce a ladeira em cima de um pedaço de papelão.

IX - A SEGURANÇA

- 1) Não suba a Ladeira desacompanhada.
- 2) Não vá ao Taboão ao final do dia.

X



Paralelepípedo

XI



○ N6

XII



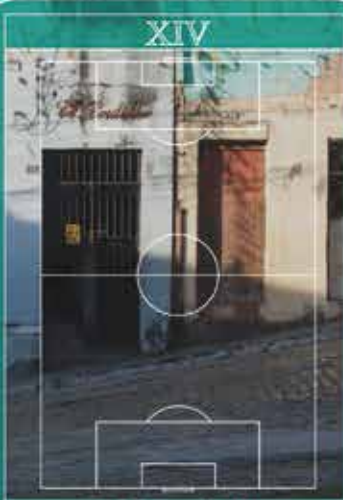
○ pescador

XIII



A senha

XIV



○ baba na ladeira

XV



○ largo

XVI



○ vidente

XVII



○ cruzamento

XVIII



○ medo

- 3) Não fique parado por muito tempo nessa esquina.
- 4) Não converse com estranhos.
- 5) Não peça explicação para quem você não conhece.
- 6) Você sabe para onde está indo?

X - PARALELEPÍPEDO

– Fica esperta moça, e na dúvida: vá pela calçada ou tire os sapatos.

Grita o homem do outro lado da rua para a menina que desce a ladeira em estado de puro desequilíbrio.

Para não ficar de fora do progresso oriundo da modernidade, Salvador, assim como várias outras cidades históricas do Brasil, optou por ruas mais velozes: paralelepípedos encobertos por camadas e camadas de manta asfáltica. Pés descalços é a melhor opção para “enfrentar” a lentidão dessas poucas pedras que ainda restam no Centro Histórico.

XI - O NÓ

– Não, esperem, vocês estão fazendo esse nó errado. É assim que se faz, ó. As mãos do homem se cruzam de um lado para o outro. O gesto é certo e ligeiro. Precisão que só os pescadores têm.

– Entenderam, meninas?

– Não, moço, pode repetir?

XII - O PESCADOR

Bota a rede no mar

Cerca o peixe, bate o remo

Puxa a corda, colhe a rede

Bota a rede no mar

Cerca o peixe, bate o remo

Puxa a corda, colhe a rede

Bota a rede no mar

Cerca o peixe, bate o remo

Puxa a corda, colhe a rede

(Adaptação nossa de “Canoeiro”, música de Dorival Caymmi)

XIII - A SENHA

– Ladeira da Preguiça: “Sou amiga do Marcelo do Centro Cultural da Preguiça” ou “Sou amiga do Paulo Rasta do Espaço Cultural Raul Seixas.”

– *Ladeira da Montanha: “Somos amigos da Marinalva.”*

– *Solar do Unhão: “Vou na Dona Susana” ou “Prisk e Júlio estão aí?”*

Se quiser acessar certas regiões de Salvador é preciso uma “senha”. Com essas frases, as portas de alguns espaços públicos, ditos perigosos, se abrem, permitindo um acesso de forma segura ao lugar.

XIV - O BABA NA LADEIRA

Uma trave no início e outra no final da ladeira, dois times se formam e a bola rola morro abaixo ou acima. O futebol, ou melhor, o baba que acontece nas ladeiras que ligam a Cidade Baixa à Cidade Alta de Salvador é pra quem tem fôlego e habilidade.

XV - O LARGO

Juntos, aposentados, jogares de dama; baianas vendedoras de acarajés, mingaus e bolinho de estudante; comerciantes e moradores do Largo; estudantes de diferentes áreas do conhecimento se reúnem no Largo 2 de Julho para discutir sobre a intervenção do poder público nas áreas da Rua do Sodré, Praça Almirante Paula Guimarães e Ladeira da Preguiça.

110

O Movimento Nosso Bairro é 2 de Julho questiona e expõe de forma pública as intervenções, em seu caráter de gentrificação, que a Prefeitura de Salvador, em parceira com instituições privadas do setor imobiliário, estão fazendo nas redondezas do Largo.

O Movimento se iniciou em junho de 2012, época em que veio à tona o Projeto Santa Tereza, fruto da gestão do então prefeito João Henrique. Tal projeto propunha, além da mudança de nome – o bairro deixaria, de um dia para o outro, de se chamar 2 de Julho e passaria a se chamar Santa Tereza – a “humanização” (o que pode também ser entendido como higienização) de toda a área deste que é um dos mais antigos bairros de Salvador.

XVI - O VIDENTE

– *Ei ei, ei, ei! Se forem por aí serão assaltados, esse lugar é perigoso. Coisa boa não vai acontecer com vocês.*

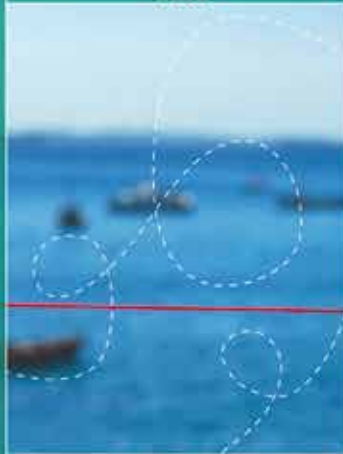
Ao andar por lugares considerados perigosos na cidade, é muito comum ser interceptados por essas pessoas, aqui chamadas de videntes, que carregam consigo a qualidade de prever o imediato futuro das pessoas que possuem o “estranho”

XIX



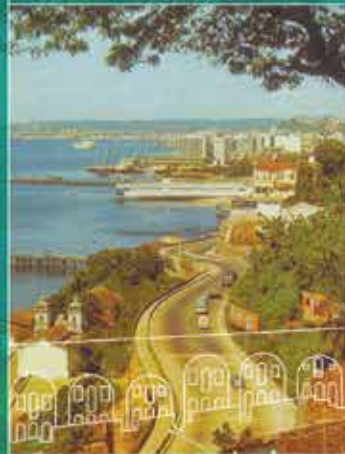
O MAM

XX



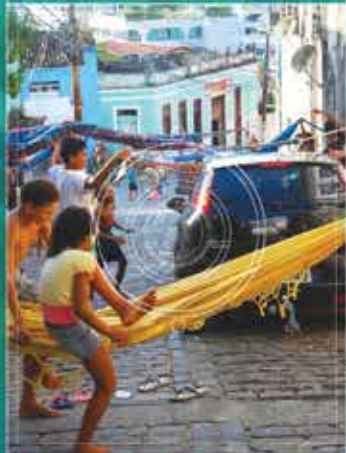
A deriva

XXI



A contorno

XXII



A ação

XXIII



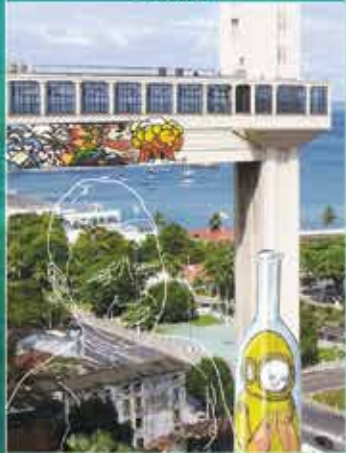
A insistência

XXIV



A ladeira famosa

XXV



Os grafiteiros

XXVI



O registro

XXVII



O louco

hábito de caminhar pela cidade a pé. Elas nos informam sobre o que está para acontecer ao virarmos a perigosa esquina, ou ao descermos todas as sinuosas e íngremes ladeiras que ligam a Cidade Alta à Cidade Baixa.

– *É perigoso. Não vão por aí, vocês serão assaltos.*

Os prestativos “videntes” podem ser os moradores do lugar, pessoas que por ali estão apenas de passagem, comerciantes ou, por incrível que pareça, policiais que na maioria das vezes estão dentro de suas viaturas bloqueando a passagem, por medida de segurança, é claro!

XVII - O CRUZAMENTO

Rua Areal de Cima esquina com Rua do Sodré;
Rua do Sodré esquina com o Largo 2 de Julho;
Ladeira da Preguiça esquina com a Rua da Conceição da Praia;
Rua do Sodré esquina com a Ladeira da Montanha;
Rua do Tabuão esquina com Rua das Flores e esquina com a Rua do Carmo;
Rua Santa Clara esquina com o lugar onde a rua Joana Angélica vira Ladeira da Fonte das Pedras esquina com a Rua Rui Barbosa...

Momentos de decisão. Fazer uma escolha de direção pode nos levar para uma escadaria sem fim, para becos de casas coladas uma nas outras, para um estonteante encontro com o mar, para lentas e escorregadias vias de paralelepípedos ou para avenidas de trânsito rápido. Encontros inesperados com ebós não são difíceis de acontecer e na dúvida de qual caminho seguir pergunte a Exú ou lance uma moedinha da sorte na espera de uma cara ou uma coroa.

113

XVIII - O MEDO

Não posso sair agora, são 7 da noite. Que barulho é esse? Será que eu fechei a porta? A rua está vazia, o comércio já fechou. Vou botar o dinheiro no sutiã. Vou para o outro lado da rua? Tá muito escuro aqui. Vai mais rápido, olhe pra frente, vai mais rápido.

XIX - O MAM

Um solar colonial que abre as janelas generosas para o mar da Baía de Todos-os-Santos. Uma capela transformada em espaço cênico. Galpões de oficinas de arte. Um parque de esculturas aos pés de uma via expressa.

Na cronologia do Solar do Unhão, onde hoje está o Museu de Arte Moderna da Bahia, há construções de várias épocas, adaptações, rearranjos, largos períodos de abandono e deca-

dência. Há também uma das experiências mais generosas de recuperação do patrimônio e projeto de espaço cultural da arquitetura brasileira. Esta história começou em 1959, com o trabalho da arquiteta Lina Bo Bardi (1914-1992).

Lina partiu dos escombros do que havia no conjunto do Unhão e construiu uma usina de criação artística. Foi um projeto radical de intervenção do espaço, integrando edifícios de diversos usos e feitos.

(Mara Gama, Museu de Arte da Bahia, 2008)

XX - A DERIVA

Entre os diversos procedimentos situacionistas, a deriva se apresenta como uma técnica de passagem rápida por ambiências variadas. O conceito de deriva está indissoluvelmente ligado ao reconhecimento de efeitos de natureza psicogeográfica e à afirmação de um comportamento lúdico construtivo, o que o torna absolutamente oposto às tradicionais noções de viagem e de passeio.

Uma ou várias pessoas que se dediquem à deriva estão rejeitando, por um período mais ou menos longo, os motivos de se deslocar e agir que costumam ter com os amigos, no trabalho e no lazer, para entregar-se às solicitações do terreno e das pessoas que nele venham a encontrar.

114

[...]

As diferentes unidades de atmosfera e de moradia não são hoje muito nítidas, e sim cercadas de margens fronteiriças mais ou menos extensas. A mudança mais geral que a deriva leva a propor, é a diminuição constante dessas margens fronteiriças mais ou menos extensas. A mudança mais geral que a deriva leva a propor, é a diminuição constante dessas margens fronteiriças, até sua completa supressão.

(Guy-Ernest Debord, Internacional Situacionista n.º 2, dezembro de 1958)

XXI - A CONTORNO

Ligação ou divisão?

Passagem ou moradia?

Avenida de trânsito rápido, construída em meados do século XX para ligar a Cidade Baixa à Cidade Alta, a Contorno marca a imagem da cidade de Salvador em sua dimensão moderna e veloz. Seu projeto agiu como uma tábula rasa, desapropriando famílias de suas casas, dividindo bairros, praças e varrendo o que estivesse em sua frente.

Na época da sua construção, Diógenes Rebouças, engenheiro agrônomo e arquiteto, comandou uma reação contra uma parte do traçado da Avenida que, ao ser

suspensa por arcos, preservou o Conjunto do Unhão, hoje Museu de Arte Moderna da Bahia, e boa parte da Comunidade da Gamboa.

Hoje, de baixo desses arcos, foram construídas casas, lojas, depósitos, campo de futebol; em uma mistura de espaço público e privado, casa e rua se confundem e viram uma coisa só na Comunidade da Gamboa.

XXII - A AÇÃO

Salvador (Gmail), 20 de outubro de 2013, 11:44:

Ei Amine,

Tudo bem contigo? Olhe, queria saber a sua opinião/impressão a respeito daquela ação que aconteceu ontem na Ladeira da Preguiça dos alunos do Ateliê 5. Como foi o trabalho/processo que a antecedeu? Gostaria de escutar outras pessoas além dos participantes do grupo e como sei que você acompanhou as aulas, quero saber o que você tem a dizer.

Bjos

--

Salvador (Gmail) 20 de outubro de 2013, 11:51:

Vou te escrever com calma, tá?

Beijos.

--

Salvador (Gmail) 20 de outubro de 2013, 20:16:

Dona Amine, dona Amine, não se esqueça da minha resposta.

Bjos Jana

--

Salvador (Gmail) 08 de novembro de 2013, 10:42:

desculpa a demora, querida!

veja só, foi um trabalho muito bem recebido na turma. primeiro que essa iniciativa deles de fazerem a intervenção na Preguiça foi além das obrigações do Ateliê 5, eles fizeram de fato porque conheceram as pessoas da Preguiça através da disciplina. Como você já deve saber por eles, o tema do ateliê era "Cidade/Montagem" e eles estavam justamente coletando coisas pra essa montagem, para depois de debatermos a partir dessa montagem do lugar que cada grupo estava estudando e chegar a questões para diretrizes de um plano geral. Os meninos (integrantes do grupo) que conheceram o pessoal da Preguiça fizeram a oficina de

pinhole e a intervenção das redes antes do que foi pedido em sala de aula. Lembro de uma das meninas me dizendo: “poxa, to comendo sardinha pra caralho!!!!”. Todas as câmeras foram feitas de latas de sardinha que elas comeram por 15 dias.

Junto a essa “intervenção” que dependurou várias redes, com a ajuda dos moradores, ao longo da Ladeira, houve outras pequenas ações que não considero tão relevantes como, por exemplo, a história de levar e deixar nas redes um livro infantil para ser doado ao Centro Cultural do lugar. Penso que apenas a ação da rede e a “transformação” da rua naquele espaço aberto de apropriações, ou em um espaço onde eles aumentaram a imprevisibilidade das ações que ali aconteciam com as redes foi mais importante. De fato, vi um espaço da cidade sendo transformado, por um projeto baseado numa exposição moderna de Lúcio Costa na Itália, que resultou no borrar das fronteiras de usos da rua, e num alongar de tempo desse lugar. Eles tinham tentado contactar a prefeitura para fechar a rua, mas foi muito mais interessante não terem conseguido falar com a Transalvador porque a interação do automóvel com a rua não foi quebrada, sendo que os moradores decidiam quem ia passar (levantando as redes) ou não.

Os outros alunos se interessaram muito por isso. Em uma turma de pessoas extremamente engajadas, acho que todo mundo se contaminou por essa vontade de intervir “com” e não “em” e vários alunos procuraram desenvolver propostas de intervenção após a exposição deste grupo, no sentido de como “ações” como estas, reforçaram a busca e a mudança as quais eles queriam e que chegaram através da montagem de vários métodos de apreensão urbana, incluindo comparação com dados macrológicos e estatísticos e principalmente (juntando tudo) a vivência nos lugares da cidade.

Senti que muito além da Preguiça, os alunos ficaram muito conectados com os lugares que estava mesurando e apreendendo de formas diversas, o que alterou o modo com o qual eles se relacionavam com a cidade. Dentro dessa perspectiva ou deste ano de imersão nos lugares de estudo, botar redes na rua, na Ladeira da Preguiça, vira uma ótimo consequência.

Espero ter ajudado,

beijos

XXIII - A INSISTÊNCIA

Do latim *In+sistere*, estar fisicamente sobre algo, eu proponho, começar a insistir sobre um lugar. Salvador será a primeira insistência urbana. O que significa “insistir sobre um lugar”?

Herdado estritamente da prática etnográfica que encontra, no ato de se colocar, todo o início de qualquer compreensão sobre situações espaciais e sociais, nós propomos escolher um pequeno lugar e o ocupar durante dois dias, no início sozinhos para, em seguida, estar com os habitantes que serão instigados por nossa presença.

A insistência sobre lugares nos levará a compreender e a interrogar detalhes com os habitantes e, também, questionar o fato de estar presente em algum lugar. Como podemos estar

presentes em algum lugar? O que esta ação comporta? O que significa tal presença corporal e que efeitos ela pode produzir no espaço e no encontro com as pessoas?

Dois dias de etnografia e coreografia colaborativa no sentido de trabalhar sobre o “coro”, o espaço praticado pelo homem no tempo, dois dias para debater/compreender como relatar/compartilhar/narrar esta experiência.

(Alessia de Biasse. *Redobra* n° 12, 2014)

XXIV - A LADEIRA FAMOSA

– “Ahhh, se a Rainha visse o descaso com que a nossa ladeira, atualmente é tratada...”

– Demos entrevistas para rádios, revistas e jornais. Limpamos toda a Montanha. A Ladeira e as pessoas que aqui moravam, foram tratadas com importância e dignidade. Pena ter sido por tão pouco tempo.

– Olhe, vou lhe confessar uma coisa: às vezes, o passado é reconfortante e tentador. Se pudesse escolher, moraria lá, naquele dia em que a Rainha veio nos visitar.

Em novembro de 1968, a Rainha Elizabeth visita várias capitais no Brasil. A iniciativa fez parte de um programa inglês de integração econômica com os países da América Latina. A cidade de Salvador estava nessa lista, e foi na Ladeira da Montanha que o Sr. Ataíde viu pela primeira e única vez uma rainha de verdade.

117

XXV - OS GRAFITEIROS

Estátua de Castro Alves.

Elevador Lacerda.

Mercado Modelo.

Cruz caída.

Farol da Barra.

Farol de Itapoã.

O meu sonho? É desenhar em todos os monumentos da cidade.

XXVI - O REGISTRO

Em uma sobreposição de tempos e espaços, o registro final de uma pinhole revela uma narrativa, onde falta de objetividade e abstrações mostram momentos descartados pela história oficial.

XXVII - O LOUCO

Toda cidade tem o(s) seu(s). 